

PRÁTICAS DE LETRAMENTO E A ESCRITA JUVENIL DE ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS

Cosme Batista dos Santos¹
Nazarete Andrade Mariano²
Vitor Castro Brito³

Resumo: Este estudo tem por *finalidade* refletir sobre as escritas juvenis, especialmente, de estudantes poetas oriundos de Escolas Públicas do Semiárido nordestino, levando em conta as marcas de identidades e de letramento como prática social presente em textos de meninas poetas que desenvolvem textos a partir do letramento escolar. Assim, há de problematizar se essas escritas refletem as práticas sociais de letramento para marcar o lugar de fala, por conseguinte, as marcas identitárias de jovens estudantes de Escolas Públicas. E mais. Como os agentes diretamente envolvidos com Educação Pública podem contribuir para potencializar essas escritas juvenis? Para fundamentar este estudo, optamos pelo diálogo de Street (2010; 2014); Hall (2019) e (CERTEAU, 2012). Uma perspectiva de pesquisa bibliográfica e documental de textos com escritas que trazem marcas identitárias de estudantes de Ensino Médio de Escolas Públicas.

Palavras-Chave: Letramento. Marcas Identitárias. Estudantes-poetas. Escola Pública. Semiárido Brasileiro.

LITERACHES PRACTICES AND JUVENILE WRITING OF PUBLIC SCHOOL STUDENTS

Abstract: This study aims to reflect on the writings of young people, especially by poet students from Public Schools in the Northeastern Semi-arid. Taking into account the marks of identities and literacy as a social practice present in texts by poet girls who develop texts based on school literacy. So, is there a question of whether these writings reflect the social literacy practices to mark the place of speech, therefore, the identity marks of young students of Public Schools? And more. How can agents directly involved in Public Education contribute to enhance these youth writings? To support this study, we opted for Street's dialogue (2010; 2014); Hall (2019) and (CERTEAU, 2012). A perspective of bibliographic and documentary research of texts with writings that bear the identity marks of high school students from public schools.

Keywords: Literacy. Identity Brands. Student-poets. Public school. Brazilian semiarid.

¹ Prof. Dr. UNEB, Campus III; cosmebs.santos@gmail.com.

² Profa. Msa. UPE, Campus Petrolina; nazarete.mariano@upe.br.

³ Graduando Letras. UPE, Campus Petrolina; vitor.castro@upe.br.

Introdução

A difícil tarefa de envolver cada vez mais a juventude nas práticas de leitura e escrita é algo que, ainda, requer o debruçar sobre o processo de formação de leitor-estudante-autor no Brasil, especificamente, quando este público é originário da Escola Pública. Políticas públicas que envolvam jovens nos eventos e nas variadas práticas de letramento são algo que não conseguimos viabilizar em curto prazo. Por outro lado, é notório o uso de práticas de leituras e escritas em ambientes que, atualmente, estão sendo denominadas como remotas. São espaços que vão além da sala de aula física.

Mesmo antes do período de isolamento físico, a cultura escolar, por conseguinte, da sala de aula, teve uma espécie de invasão de aparelhos da tecnologia digital, sendo o mais comum o celular. Uma presença marcante nas escolas, mesmo nas Escolas Públicas situadas em locais mais periféricos dos centros urbanos, temos uma forte inclusão desses recursos tecnológicos por boa parte da população estudantil. Isso já seria um ponto relevante para uma problemática sobre práticas de letramentos dessa juventude estudantil.

Sem dúvidas, estamos cada vez mais conectados pelo escrito, mesmo que muitas vezes, o escrito surja de maneira remota e em plataformas digitais. Foi em uma dessas plataformas digitais que percebemos o quanto nossos estudantes estão potencializando suas “escrivências”, ou seja, escritas com marcas de suas vivências, com marcas de suas realidades nos mais diferentes contextos. Faz-se necessário uma atenção para esses movimentos em que os estudantes, de maneira mais especificamente, criam espaços de movimentação em contextos de Escolas Públicas para desenvolverem os seus talentos.

Logo, interessar-se pelas escritas nas diversas interfaces sociais em que as pessoas se movimentam é interessar-se pelo próprio labor humano; é interessar-se pelas marcas e personificações; é interessar-se pela vida humana. Nela deve haver uma impregnação mútua de valores, especialmente, pelos valores bioéticos porque tudo isso leva ao interesse pelas marcas identitárias das pessoas em suas mais diversas manifestações culturais.

De maneira mais recortada, percebemos essas manifestações presentes em suas híbridas “personificações” que vão do ser estudante de

Escola Pública até a construção e apropriação do seu lugar de fala. Ao ancorar nesse lugar marcado pela força presente em seus recortes identitários nas Escritas de Jovens estudantes de Escola Pública, podemos perceber que esses escritos nos apresentam bem que o desenvolvimento das capacidades cognitivas vai além de uma escrita padrão e normativa legitimada pela e para Cultura Escolar.

Isso justifica trazer essa discussão à baila: por acreditar que há possibilidades de produção de escritas de jovens estudantes carregadas de marcas identitárias para além das paredes das escolas. Aliás, de que as Escolas, especialmente, as Públicas agregam essas marcas, muitas vezes, travadas nos corpos de jovens dentro e fora do contexto escolar. Jovens, que, na maioria das vezes, têm apenas a escola, por conseguinte, a escrita, como chispa de uma esperança possível.

É pensando nessa perspectiva que este estudo tem como objetivo refletir sobre as escritas juvenis de Escolas Públicas, considerando os pressupostos de identitário e de letramento como prática social e as questões norteadoras que dialoguem com a seguinte *problematização*: As escritas estudantis refletem as práticas sociais de letramento para marcar o lugar de fala, por conseguinte, as marcas identitárias de jovens estudantes de Escolas Públicas? E mais. Como os agentes diretamente envolvidos com Educação Pública podem contribuir para potencializar essas escritas juvenis?

Para tanto, selecionamos textos de duas estudantes que trazem uma escrita que chama a atenção. Dois dos textos escolhidos compõem uma pequena obra de escritas de estudantes do Ensino Médio de uma Escola Pública, no interior baiano. Além de mais dois textos, que estão em prelo para publicação em veículo de mesma natureza.

Para fundamentar este estudo, optamos pelo diálogo de Street (2010; 2014) com os novos estudos sobre o letramento numa perspectiva das práticas sociais. Hall (2019) que nos apresenta um sujeito pós-moderno em constante construção identitária. Além de Certeau, (2012) na perspectiva de invenção e apropriação, sem deixar de lado o olhar poético de Evaristo (2016) com a noção de “escrevivências”. Tais escrevivências estão presentes nas marcas identitárias das jovens-autoras que iniciaram suas primeiras vivências de uma

escrita engajada durante o Ensino Médio. Valemo-nos também de Olson (1997) e o mundo no papel e os artefatos da escrita.

Tendo o esquema abaixo, este estudo seguirá seu percurso teórico-metodológico considerando reflexões bibliográfica e documental de quatro textos de duas jovens estudantes: sendo que dois dos textos a serem interpretados são produções escritas inseridas em uma obra das escritoras Mariano e Santos (2019). E dois outros textos, inclusive, são textos que estão sendo selecionados para uma próxima publicação de livro, mas que já estão documentados e publicados em site de busca da internet.

Logo, este artigo é constituído pela introdução, a qual ancora essa justificativa, seguida de uma fundamentação sobre as marcas identitárias presentes nas escritas juvenis, considerando a concepção de sujeito pós-moderno e a identidade em construção, além do letramento como prática social, nesse diálogo com os textos aqui indicados. Por fim, as considerações e implicações presentes nestas reflexões.

Figura 1 imagens produzidas pelos autores.



Todo esse percurso a ser trilhado levará em consideração o que se visualiza no mapa conceitual acima, considerando o letramento como prática social em um contexto de escrita juvenil e com marcas identitárias de estudantes de Escolas Públicas

Produções estudantis e os pressupostos culturais e identitários

Nas mais diversas crenças e implicações em torno da escrita, a produção escrita perpassa por um conjunto de artefatos que moldam práticas literárias, religiosas, científicas entre tantos outros aspectos da vida em uma sociedade também moldada pelo escrito. Sabemos que muitas interfaces sociais seguem padrões de construção com propriedades especiais, bem como, característica particular, conformando uma identidade.

Aspectos de diferentes naturezas influenciam a composição escrita; todavia é fundamental destacar o papel da cultura como catalisador de oportunidades para representar, por meio da escrita, a realidade sob a diversidade que compõe a sociedade. Nesse sentido, a diversidade cultural e as marcas identitárias podem ser implicadas pelo uso e pela aquisição da modalidade escrita de uma língua. Olson (1997, p. 10) nos lembra de que “não é preciso recorrer aos instrumentos da ciência, empregados pelos especialistas, para demonstrar ao leitor que o domínio da escrita é útil e importante.”

Mesmo que essa ferramenta seja importante para demonstrar os necessários pressupostos para o desenvolvimento das práticas sociais que levam em conta não somente as capacidades cognitivas, como também o uso nos diversos contextos em que o leitor-autor esteja inserido, faz-se importante compreender a escrita como construção de marcas identitárias de jovens estudantes de Escolas Públicas.

Tem-se, então, três elementos que se entrecruzam produzindo formas de sistematizar ideias: cultura, identidade e escrita. A relação mútua entre cultura e língua é algo que ainda traz muito debate no seu interior discursivo e de pesquisa. Para Strauss (1980) a língua pode ser tratada como produto de uma cultura, assim, essa relação entre cultura e língua reverbera de maneira muito plural tanto pelos estudiosos da língua quanto pelos da cultura. Todavia, o pensamento de Saussure no Curso de Linguística Geral (CLG, 1916, p. 47) é que não é a língua que se dilui na sociedade, é a sociedade que começa a reconhecer-se como “língua”.

Isso nos remete ao caráter da língua composta por signos. Os signos, por vez, estão relacionados aos aspectos sociais que têm possibilidades de constituir modos de produção em conformidade com uma unidade de sentido

capaz de intervir na complexidade social, pegando um gancho de que a língua tem em sua composição os mais variados signos e que esses também constituem o escrito. Logo, a escrita estudantil, que sempre esteve às margens dos interesses de boa parte das interfaces sociais, indica que a escrita vai muito além de uma alegação evasiva de que a escrita é apenas um registro.

Isso dialoga com Olson (1997) quando ele traz uma crítica sobre o posicionamento de muitos linguístas de que,

O aprendizado e o domínio da escrita parecem explicações potenciais óbvias. Da mesma forma que a alegação evasiva dos linguístas de outros tempos de que “a escrita não é a linguagem, apenas um registro da mesma” deixou de ser sustentável, também não se sustenta classificar as pessoas de primitivas ou modernas, orais ou não, concretas ou abstratas, inclinadas para o ouvido ou para a visão (OLSON, 1997, p. 12).

Embora a juventude estudantil tenha possibilidade de desenvolver as práticas de letramento, considerando o processo de produção escrita, dotado de relevância científico-cultural, a mesma, muitas vezes, não encontra espaço para organizar suas escritas no sentido de formalizá-las. A pertinência social e acadêmica corresponde à produção científica, além do acesso dos alunos, de nível superior e básico, ao conteúdo teórico e prático, cujos instrumentos possibilitam um maior domínio da linguagem oral e escrita, para além da interação entre ambos, em que o valor interacional constitui matéria sociocultural para compreender as relações interinstitucionais, a fim de criar mecanismos cada vez mais concretos de aproximação.

As marcas identitárias em escritas juvenis

O debate proposto aqui refuta a ideia de que estudante de Escola Pública não tem legitimidade para produções escritas ou sequer faz uso desses artefatos como a literatura comumente utilizada pelos seus professores em sala de aula. Isso nos remete, mais uma vez, ao pensamento de Olson de que:

se pensarmos na teoria como uma *máquina* para pensar, um mecanismo para organizar e interpretar os fatos de

modo a reunir outras perguntas e outras formas de evidência, não será desarrazoado aspirar a uma teoria sobre o modo como a escrita contribui não só para o nosso entendimento do mundo como de nós mesmos (OLSON, 1997, p. 13; *grifo do autor*).

Este entendimento de que a escrita contribui para o nosso próprio entendimento, bem como para como observamos o mundo pode ser trilhado pelas marcas de identidades de autorias de estudantes do Ensino Médio da Educação Básica, é trazer à baila, um contexto também cultural. É um convite para falar da arqueologia dos signos, da arbitrariedade dos signos que herdamos dos pensamentos de Saussure, que foram publicados em CLG no ano de 1916, aproximadamente, três anos após sua morte. Não há como falar de prática engajada com marcas das vivências de quem escreve sem pensar nessa arbitrariedade dos signos, inclusive, para romper com signos que ainda marcam o lugar da colonização.

Dito isso, podemos perceber as marcas identitárias na escrita juvenil, no aspecto escolar, de duas maneiras: as marcas construídas e fomentadas pelo exercício escolar, e as marcas que esses jovens trazem para além desse contexto: seio familiar, comunidade e condições socioeconômicas são os pilares da formação das marcas identitárias, mas é na escola que essas marcas são transpassadas para a escrita, sobretudo a escrita artística.

Agamben nos apresenta (2009, p. 14) o contemporâneo como aquele capaz de enxergar para além das luzes, observar o seu tempo, inclusive para abstrair da obscuridade a capacidade de profanar dispositivos de poder, e trazer esta maquinaria para outra direção. Uma direção que visualize essa escrita que ainda está às margens. Uma escrita que sai de seu aprisionamento e prescrições normativas e possibilita a quebra de signos excludentes e cria outras direções de autorias. Textos poéticos sobre a vida comum, da dialética da apropriação de tantas vivências que a linguagem é capaz de traduzir. Textos com marcas identitárias fomentados por uma narrativa simples, singular ao mesmo tempo diversa e plural, que nos convida para um compartilhar nessa dialética na arte de dialogar o ato de escrever evidenciando suas marcas identitárias.

É propício desenvolver uma discussão em que estudantes de Escolas Públicas demonstram um domínio da escrita em seus modos de produções heterogêneas em que cada estudante-leitora-autora recolhe em seus textos suas vozes, muitas vezes silenciadas tanto no ato de fala, quanto nas produções escritas que liam e estudavam na Escola e, como tal, não se sentiam representadas e representadas naquelas escritas. Talvez pelo fato de que a escola ainda esteja presa à concepção iluminista dotada pelo individualismo da razão. Hall (1992, p. 7) nos convida a refletir que: “as velhas identidades, que, por tanto tempo, estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.”

Antes a sociedade era pautada por uma ideia de sujeito unificado, com concepção de uma identidade também homogênea em que esse sujeito era centrado no seu próprio “eu” preso num individualismo. Para Hall (2006) é um sujeito:

baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo-contínuo ou “idêntico” a ele ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa (HALL, 2006, p. 11).

Este sujeito caracterizado como iluminista também nos remete a visibilizar uma sociedade também centrada e unificada, que era voltada a um sujeito homem, que ecoava a voz individualizada do ser homem. Essas capacidades dotadas pela razão não indicam uma possibilidade de marcas do feminino, vozes-mulheres. O essencial do eu era a identidade de uma pessoa de grande poder, na sua maioria centrada no sujeito masculino. Logo, se pensarmos as produções estudantis com as marcas identitárias influenciadas por suas vivências, perceberemos que jamais esta juventude teria condições de uso da escrita como artefato para suas “escrevivências”.

Seguindo com a tese de que escritas de jovens estudantes são potencializadoras de suas marcas de identidade cultural, percebemos que essa concepção de sujeito não tem espaço nestes escrevinhar estudantil. Para tanto, Hall (2006) nos convida a refletir sobre outra concepção de sujeito. Um sujeito que reflete a crescente complexidade do mundo moderno. Um sujeito sociológico que tem a consciência de que,

este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava. [...] a identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2006, p. 11; grifo do autor).

Essa concepção de sujeito que tinha sua formação identitária em consonância com a sociedade, era a de um sujeito que estabelece elos entre "eu e a sociedade"; as identidades distintas dessa interação não eram levadas em consideração uma vez que a identidade era o alinhar entre o sujeito e a estrutura em que esse era inserido socialmente. Logo, um sujeito que tinha sua identidade e sua cultura estabilizadas.

Tal concepção de sujeito de identidade ainda não permite que os sujeitos com marcas identitárias originárias das margens sejam reconhecidos, por estarem em posições histórico-sociais periféricas e distanciadas das estruturas da sociedade tida como estabilizada. Com isso, não são representados por essa unificação recíproca.

Stuart Hall nos apresenta uma terceira concepção de sujeito e suas identidades. Será que agora as "coisas" estariam de fato mudando? E, com essas mudanças o sujeito também se reconhece não mais unificado em reciprocidade unilateral, mas um sujeito que,

está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá

fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2006, p. 12).

Se estamos refletindo marcas de identidades, isso já nos coloca numa compreensão de diversidade; de pluralidade; de movimento. Logo, processo identitário em construção, não mais uma identidade centrada no eu, ou fixa e em permanente estabilidade. A tese delineada sobre as escritas identitárias de estudantes da Educação Básica tem como síntese a concepção de sujeito fragmentado; um sujeito pós-moderno. Um movimentar de sujeitos que se assumem em constante mudanças e nos mais diversos contextos. Como é perceptível no trecho abaixo de produção estudantil. O trecho abaixo faz parte de uma poesia que está em domínio público nas Redes Sociais da estudante-autora, bem como compõe uma coletânea de textos que está em prelo. "Eu sou filha / Digo isso de coração / Pois eu tenho orgulho / De que aqui fui criada / E por tudo que aprendi / Nesse pequeno povoado" (Trecho 1 poesia Orgulho de Minhas Origens"; estudante Wi).

Num primeiro trecho do texto da estudante Wi de Escola Pública do município de Juazeiro-BA representa o primeiro ponto desta reflexão: as marcas identitárias construídas para além dos muros da escola. Culmina com a síntese do sujeito pós-moderno, pois a estudante-leitora-autora expressa algumas adversidades subjetivas, apresentando a sua força ao representar suas raízes na produção escrita. Os versos, "E por tudo que aprendi/Nesse pequeno povoado" e "Eu sou filha/Digo isso de coração", implicam um grito de aceitação que ecoa na voz do eu lírico – que aqui é a própria autora – afirma que tem "orgulho" de ter sido criada "naquele pequeno povoado". Entretanto, o verso que mais explica essa aceitação é: "Digo isso de coração", é nesse verso que se entende a libertação, a perda do estereótipo do interior e suas, apenas, mazelas. Ao narrar, a voz do eu-lírico grita que é filha de Caldeirão do Mulato, sim, senhor!

Percebe-se, nesse trecho, marcas em processos de descobertas de suas origens; marcas de aceitação de ser de um pequeno local; as marcas

femininas, já que é filha de um lugar que carrega no nome a marca de etnia de sua gente, além das marcas características de quem vive no seminário do Sertão brasileiro.

Já no trecho dois nos possibilita pensar essa multiplicidade de significação presente nas diversidades culturais do sujeito em processo de construção de suas identidades. Traz marcas de vozes que, por muito tempo, foram silenciadas e, porque não, subalternizadas. O seu conceito não / muda a nossa dor / O nosso sangue negro derramado / tínhamos que apanhar / levar chicotadas / Muitas vozes negras caladas / E o nosso vão destino definhando / Surra de palavras preconceituosas / “negrinha, vai lá, penteia este cabelo duro” (SANTOS, 2019, p. 43).

Novamente, a estudante-autora Wi traz marcas identitárias, históricas e impostas a ela, de fato, mas construídas, genericamente, na escola. O verso “Tínhamos que apanhar, levar chicotadas” é o que mais, fortemente, centraliza essa construção feita pela escola; é a História, disciplina, passando pelo tortuoso período da escravidão no Brasil, são as discussões do “ser” para a Sociologia, e seu entendimento enquanto existência social. E é na Sociologia, mais precisamente no sujeito pós-moderno – oriundo do sujeito sociológico –, que serão difundidas ambas as análises feitas.

Como já foi evidenciado, Stuart Hall (2006) pensa o sujeito pós-moderno como um ser complexo, indo na direção oposta do sujeito iluminista. Nesses dois trechos, a estudante-autora traz esse grito por muito tempo preso e se coloca como este sujeito fragmentado; um sujeito pertencente, atuante e afetado pelos campos dos quais participa. Esse sujeito, então, produz a partir de suas marcas, de suas feridas.

Para estudo de caso, a estudante-autora traz marcas regionais, marcas que Caldeirão do Mulato marcou em seu discurso; é marcada, logo após, pelas discussões que a escola carrega em si, o entendimento histórico-científico da mulher / homem em diferentes campos do espaço-tempo. A escritora de “Orgulho de Minhas Origens” e “Surra de Palavras”, é, inconscientemente, o sujeito pós-moderno proposto por Hall. Pois foi marcada pela história, pelos ambientes, e marca os mesmos com seus discursos oriundos de um inevitável paradoxo entre o ser atuante e a sociedade. É a força que surge como potência para uma revolução nas

produções: nas produções escritas. A tarefa dessa revolução pela escrita não parece ser nada fácil, mesmo assim, estudantes-autoras não desistem em meio às adversidades.

A produção escrita juvenil para além das capacidades cognitivas

Pensar o lugar de fala e o lugar de criação estudantil é também pensar uma multiplicidade de fatores que nos rodeiam nas possíveis identidades. Como coloca Ribeiro (2020, p. 59), “é marcar o lugar de fala de quem o propõe, percebermos que essa marcação se torna necessária para entendermos realidades que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica”. Pensar a partir do lugar de fala já seria o primeiro passo para avançar na construção de políticas de autorias para a juventude do Semiárido. Como defende Oliveira (2011, p. 113), é necessário fazer “ecoar vozes silenciadas e / ou invisibilizadas em nossa literatura ao longo dos tempos.” Diante disso, percebe-se as vivências experienciadas nas escritas de jovens-estudantes-autoras e os modos de produção como um lugar de fala, o lugar de um olhar, de ler e um lugar de criação.

Tudo isso faz das práticas de letramento uma ruptura de práticas estanques para pensar práticas de invenção docente implicada neste lugar de criação de estudantes da Educação Básica e Pública. Até porque as criações autorais de jovens estudantes ocorrem com base nas escolhas de repertórios presentes no contexto escolar e que têm a força de uma maquinaria para potencializar as narrativas juvenis nas Escolas Públicas.

Tudo isso nos leva a acreditar em práticas numa visão de letramento, que vai além de uma concepção única e universal de letramento. Em decorrência dos fatores supracitados nos estudos de Hall, este trabalho chega a um ponto de virada: o entendimento de que a prática cognitiva não tem, por si só, concretude completa para o sujeito pós-moderno. Há de se observar que a aquisição da linguagem, capacidade cognitiva, não carrega atuação social necessária para o sujeito em questão. Aprender e pensar através de certa língua são elementos que, sim, carregam certo valor social, mas não ao ponto do paradoxo já citado; fica no campo da pura aprendizagem para fins comuns e específicos.

É no campo da aprendizagem que se fará uma breve discussão: partindo do princípio de cognição acima e da escrita como a da estudante-autora Wi, que já tem textos publicados em livros, há-se de notar o quanto um processo de aprendizagem e memorização, para que se construa uma escrita, não retém os artifícios suficientes; a estudante-autora traz as marcas de uma estudante que fora privilegiada com um processo de uso social da sua capacidade cognitiva. Sua escrita e, portanto, a escrita juvenil, não se refere meramente a um processo de letramento autônomo, perpassa as raízes ideológicas.

Dentro da tese sobre as marcas identitárias presentes nas escritas de estudantes – autoras oriundas de Ensino Médio de Escola Pública, há a opção por uma síntese de um sujeito com marcas identitárias fragmentadas, móvel e em constante processo de mudanças. Proporcionar-se por essa concepção em detrimento das demais tem um sentido de ser: a concepção de sujeito pós-moderno dialoga com a concepção de práticas de letramento presentes nas produções escritas das estudantes-autoras, ou seja, presentes nas “escrevivências”.

Fatores sociais presentes nas práticas de letramento

Usando termos já citados e ainda não devidamente explanados aqui, Brian Street (2010) apresenta duas percepções gerais de letramento: autônoma e ideológica. O mesmo traz essas concepções a fim de dissociar uma prática de letramento geral, única e específica para as diversas tribos. É culminante com o pensamento de Hall, por trazer fatores complexos dos sujeitos e sociedades para suas concepções.

Para tanto, atendo-se, de forma mais específica, às concepções de letramento, especialmente, cunhadas por Brian Street (2010), o pesquisador propõe letramento autônomo como sendo “uma coisa que teria efeitos, independentemente do contexto” Street (2010, p. 36). Nota-se que, para Street, um letramento autônomo tem um objetivo específico e pode ser desenvolvido para uso em vários contextos. A exemplo de como o trabalho trata de escrita juvenil, tem-se a redação para vestibulares. As escolas trazem disciplinas

como “Redação”, que embora se atenham a outros gêneros, colimam no processo de escritas para textos dissertativos-argumentativos de vestibulares.

Para Street (2010, p. 36), “presume-se, nesse modelo, que letramento é uma coisa autônoma, separada e cultural; uma coisa que teria efeitos, independentemente do contexto.” Um letramento tendo o texto pelo efeito. Esses efeitos apenas como foco, os efeitos nas capacidades cognitivas separadas dos contextos socioculturais. Entre outros aspectos, com um objetivo claro de ensino: a aprovação no vestibular em questão. Delimita-se, enfim, uma prática autônoma de letramento.

Em contrapartida, o autor nos convida a refletir sobre a concepção de letramento ideológico, perpassando camadas sociais. Não é o uso da escrita ou da língua para uma finalidade, é o envolvimento que traz esse uso em relação aos processos já descritos no sujeito pós-moderno. Street (2010) realiza sua análise sobre letramento ideológico inferindo que não se trata somente de um modelo cultural, mas também de “uma relação de poder de ideias” Street (2010, p. 37). Essa concepção dialoga, como já dito anteriormente, com aquilo que surge como a síntese do sujeito pós-moderno de Hall (2006), bem como com o pensamento de Olson (1997) de que a escrita contribui não apenas para uma compreensão do mundo como também de nós mesmos.

A escolha por texto de estudantes-autoras, que tiveram suas escritas potencializadas pelo lugar de criação docente, é um exemplo de que existe no ser pós-moderno processos de letramentos ideológicos com uma carga potencializadora de processos que fazem sentir o pertencimento e a resistência em manter viva a cultura local; costumes e seu lugar de sujeito que vive um processo de mudança constante de suas marcas identitárias. Para tanto, cria um lugar de criação, que, ao mesmo tempo, é um lugar de fala a partir do escrito, implodindo o simulacro e garantindo sua força nas marcas de identidade. Isso envolve mais do que as delimitações autônomas de letramento. A existência desse letramento é resultado de hierarquias, poderes e discursos. Além da existência, há também de se pensar na (re)existência do letramento que,

ao enxergar o caráter social e plural das práticas de letramentos, validam-se tanto as práticas adquiridas por meio de processos escolares, nas esferas mais institucionalizadas, como as adquiridas em processos e espaços de aprendizagem em distintas esferas do cotidiano (SOUZA, 2011, p. 35).

Isso nos leva a pensar os letramentos, no plural, para além de práticas que desenvolvem apenas habilidades de ler e escrever; por conseguinte, para além de atividades estruturalmente impostas. Sob essa perspectiva, o letramento se entrelaça com as marcas identitárias e culturais a partir dos modos de produções criativos. Modos de produções esses, que possibilitam um movimentar entre a linguagem e a cultura de uma dada realidade. A exemplo da Estudante Silva (2019), “meu cabelo é uma parte importante de quem sou. Não poderia deixar de me expressar através do uso das palavras escritas, pois elas estão repletas de marcas que imprimo a cada produção.” Traços de autorias como essa nos indicam uma amplitude de olhar sensível ao modo como devemos compreender as práticas de letramento plurais e de fatores sociais.

Parafraseando Certeau (2012) na sua arte de fazer, as estudantes - autoras nos convidam a um inventar do cotidiano de pessoas simples que fazem de suas labutas a própria arte de fazer. Com seus versos livres e poesias que não estão presas às convenções de poemas clássicos trazem uma verdade cara aos moradores de comunidades no interior do nosso Sertão. Rompem com signos da imposição e não representatividade e mostram que há possibilidades também de serem textos que representem os estudantes de Escolas Públicas de periferias. *Conversa Afiada: um lugar de criação estudantil*, um livro das escritoras Mariano e Santos (2019) que não foi escrito para um grande público, mas para recolher vozes silenciadas no interior da Educação Pública: recolhe as escrevivências de estudantes-autores. Um exemplo que marca o silenciar dessas vozes está no texto que fala sobre o eco de uma voz que narra aquilo que outro diz sobre como ou não usar o cabelo.

Um dia prendi meu cabelo / Eu jurei que nunca o iria
soltar / Pois, eu não sabia como me amar / Me forcei
então a escondê-lo / Mas, quando o soltei já não era meu /
A sociedade mentiu em meu rosto / E eu ainda acreditei

em seu gosto / Fizeram com que odiasse todo eu / Um dia parei no espelho, vi / Soltei o que sempre quis soltar / Finalmente, passei a intervir / Mandaram-me, de novo alisar / Tenho meu direito de ir e vir / Cabelo meu lindo, o irei mostrar (SILVA, 2019, p. 31).

Percebemos que as temáticas dos textos das estudantes-autoras têm focos em marcas muito presentes em estudantes de Escolas Públicas que vivem à margem de uma sociedade excludente. As estudantes-autoras trazem a força da resistência, trazem um processo de construção identitário. Nesse processo, são perceptíveis os fatores sociais como determinantes das práticas de letramentos. Os contextos emergem nas páginas em branco e constituem uma escrita com carga semântica ainda não comum nos livros a que esses mesmos estudantes têm acesso nas Escolas em que estudam.

Há uma mudança não apenas no contexto em que os textos são produzidos, mas também nos assuntos tratados que se tornam muito mais interessantes para outros jovens que vivem essa mesma realidade. Os mesmos se reconhecem nesse movimento marcado pelas experiências de vida que cada estudante-autor traz nas suas produções.

Em cada narrativa, há uma carga de subjetividade nas escritas produções das vivências de jovens autores. São escritas simples, mas não óbvias ou enfadonhas. São produções em que os lugares se misturam: o lugar de criação docente em diálogo com o lugar de criação estudantil. Práticas que não são estanques, mas sim, processuais.

Ao lermos uma das produções da estudante Silva, a mesma escreve na página vinte e quatro do livro *Conversa Afiada*: um lugar de criação estudantil. “Infelizmente, a ideia de que nada de valioso possa vir de uma Escola Pública ainda é muito presente nos atuais dias, de que nós, alunos, não somos capazes de produzir textos decentes!” (SILVA, 2019, p. 24).

Um sentido plural de identidade é a marca dessas escritas, até porque a pós-modernidade nos apresenta uma concepção de identidade em um movimento permanente de mudanças. Ao focalizar no processo identitário de jovens escritoras de Ensino Médio, mas compreendê-las nas relações presentes nesse processo, pode-se perceber que há também movimento de transgressões sociais presentes nas escritas aqui apresentadas,

além de uma necessária compreensão dessas marcas identitárias que emergem de espaços de criação distintos da sala de aula. Não apenas de única identidade, mas também das mais diversas marcas que envolvem a tessitura do sujeito em processo de construção identitária; em processo de letramento também. O trecho abaixo retrata bem essa tessitura.

[...] Eis que vão me apontar o dedo / E exigirão que eu volte para o meu lugar / Mas, não sabem esses grandes tolos / Que o meu lugar é onde eu quiser estar / Saibam que não preciso de consolos / Sei que não nasci para acenar e aceitar. / Sofro quando penso no passado / Na dor que fomos capazes de causar/ E tudo pelo mesmo motivo: A ignorância que insiste em continuar / Mas, mantenho esse dolor vivo / pois me lembra das vidas que ainda podemos salvar (SILVA, 2019, p. 50-51).

A construção da narrativa traz não mais o silêncio imposto pelos brancos que se sentiam e, ainda, se sentem donos de tudo. Mas, agora, é um ressoar de vozes que mesmo que aponte o dedo às marcas de resistências, essas já foram construídas. Na folha em branco, a estudante-autora dedilha as palavras e transforma o significado dos significantes a seu favor, a favor de mulheres que sempre tiveram o dedo apontado para si. Muitas vezes, o dedo estava no gatilho mirado para sua cabeça. Uma escrita-maquinaría que transforma a visão de que estudante de Escola Pública não tem um posicionamento crítico. A maquinaria aqui é de marcar o seu lugar de falar; de ecoar gritos de luta para quem vai de encontro aos discursos excludentes.

Talvez estejamos diante do início de nova reviravolta linguística e literária. Aliás, uma ruptura das práticas de letramento apenas pelo efeito, para um texto literário de estudantes-leitoras-autoras que trazem um engajamento e um posicionamento, que nos leva a refletir que o desenvolvimento de práticas, que rompem com o que coloniza e aprisiona. Esse romper pode contribuir para o desenvolvimento linguístico-literário de estudantes da Educação Básica.

Assim se coloca a estudante-autora Silva na quarta parte da obra, da página cinquenta e oito do livro em análise: “é muito emocionante perceber

que faço parte de uma geração tão engajada em lutas sociais como essa, uma geração que canta suas raízes sem medo de represálias” (SILVA, 2019, p. 58).

Trata-se de um desmonte capaz de modificar toda uma realidade, um desmonte capaz de influenciar uma geração de estudantes, pelo menos aqueles que estão em diálogo com texto e com estudantes-leituras-autoras como essas. A desconstrução ocorre tanto nas relações entre conteúdos e temáticas, como no engajamento da juventude em construir textos não apenas para quantificar critérios para avaliações, mas também produções que trazem realidades plurais que ainda não são comuns nas publicações de textos, que circulam na Educação Básica.

Considerações finais

Os pressupostos aqui antecipados tais como letramento como prática social e marcas de identitárias dialogam em síntese com uma tese voltada para as sociais práticas de letramento presentes na escrita juvenil de estudantes-leitores-autores de Escola Pública. Tais escritas têm como fator determinante as marcas de identidades em processo de construção.

Produções escritas estudantis surgem de práticas que contribuem para a formação de jovens escritoras, suas marcas identitárias e culturais, especialmente, estudantes de Ensino Médio de Escola Pública, validação e fortalecimento de espaços de criação docente, que emergem para além da sala de aula, como também para a formação de jovens escritoras de Ensino Médio de Escola Pública.

Sabe-se que, por trás dessas produções, há uma maquinaria potencializando o que os estudantes já trazem de seus contextos. Com isso, conforme o letramento vai se estruturando, conseqüentemente, suas perspectivas vão se multiplicando, pois o papel e a função social assumida pelo sujeito lhe dão condições para fazer novas leituras, mais elementos na representação da escrita e, assim, o sujeito criando elementos que resultam numa identidade construída a partir de elementos diversos e sob diferentes influências. Portanto, é indispensável considerar cada espaço de interação social como possibilidade de extrair elementos, a fim de canalizá-los para o processo formativo do sujeito.

Por fim, nos espaços educacionais de contexto de Escola Pública há frutíferas possibilidades para se pensar as potencialidades de produções estudantis: seja no texto em verso ou em prosa. Para tanto, é preciso que as políticas educacionais e curriculares também considerem o lugar de criação docente como potência para as produções estudantis de jovens-leitores-autores, que trazem das suas vivências para o texto escrito suas marcas como balizador do lugar de fala e de escrita.

Referências

GAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honsesko. Chapecó, SC: Asgos, 2009.

CERTEAU, Michel. (1980). *A Invenção do Cotidiano 1. Artes de fazer*. 18. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DERRIDA, Jacques. (1930). *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Trad. Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivências: Identidade, gênero e violência*. Belo Horizonte: Idea Editora, 2016.

HALL, S. (1992). *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2019.

MARIANO, A. Nazarete; SANTOS, Camila Batista da dos. *Conversa Afiada: um lugar de criação estudantil*. Petrolina: Editora Gráfica Franciscana, 2019.

MARIANO, A. Nazarete. *Professoras Inventoras: das práticas de invenção docente à pesquisa-formação-ação*. Paris: Edilvre, 2018.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. Raça e gêneros: entrelaces versus afirmação identitária negra. In. *NGUZU – Ano 1, n. 1, março/julho. Revista do Núcleo de Estudos Afro-Asiáticos (NEAA)* da Universidade Estadual de Londrina (UEL). 2011. p. 106-115

OLSON, David R. *O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita*. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1997.

RIBEIRO, Djamilá. *Lugar de fala*. São Paulo: Jandaíra, 2020.

SANTOS, Cosme Batista dos. *Letramento e senso comum: a popularização da linguística na formação do professor*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

SOUZA, Ana Lúcia S. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música: hip-hop*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Linguística e antropologia. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*, v.1. Trad. Betrariz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac & Naify, 2000, p. 79-92.

STREET, Brian. Os novos estudos sobre o letramento: históricos e perspectivas. In: MARINHO, Marilda; CARVALHO, Gildinei (Org.). *Cultura Escrita e Letramento*. por. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STREET, Brian. (2014) *letramentos sociais: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial.

Recebido em 21 de maio de 2022.

Aceito em 18 de junho de 2022.